

# Uma carta do nosso colaborador Mário Dionísio

*Meu caro Mário Braga:*

Está felizmente a alargar-se o debate sobre o problema do significado e função da arte e das suas relações com a sociedade, problema que, como sabe, me interessa há muitos anos e sobre o qual me tenho pronunciado algumas vezes, nomeadamente nas páginas de *Vértice*. É óptimo que o que, primeiro, parecera erradamente mera futilidade entorpecente se tenha transformado em matéria de estudo e controvérsia.

Infelizmente, porém, têm surgido no debate certos pormenores que receio não favorecerem o encontro de resultados positivos. Refiro-me à deformação, infelizmente não rara, de afirmações e hipóteses expressas em artigos que directa ou indirectamente se citam, à alusão, embora velada — mas por isso mais insinuante, a pretensas modificações nos princípios orientadores de algumas pessoas de quem se finge que não se fala.

É bem possível que isto se deva a simples deficiências de interpretação, dado que um ou outro contendor ufanamente começa por declarar-se fora do assunto — e nada mais fácil, como sabe, que indivíduos fora de um assunto especializado encontrem dificuldades graves no campo da terminologia. É possível também que os motivos sejam outros. De qualquer modo, há que atender a tais pormenores. Os leitores nem sempre poderão dar-se a árdua tarefa de confrontar textos, e os frequentes equívocos em que se verão forçados a cair estes teorizadores de novo tipo podem confundir mais que esclarecer — objectivo que não é decerto absolutamente geral.

Por isso lhe bato à porta. Como me suponho alvo, embora de passagem (ou talvez não...), de várias alusões de um dos últimos artigos publicados por *Vértice*, nos quais julgo ver o meu pensamento traduzido com excessiva infidelidade, desejo tornar público o seguinte, assim, em forma condensada, para que ninguém se canse com o esforço da leitura, nem tenha dificuldades na interpretação:

- 1.º Continuo a pensar que toda a arte (mesmo a não-humanista) é social e implica uma tendência; que é impossível, por isso, apreender o seu sentido mais profundo sem a localizar no momento histórico

que a tornou possível e sobre o qual ela, por sua vez e a seu modo, age.

2.º Continuo a ser pessoalmente partidário de uma arte de tendência tanto quanto possível explícita e, portanto, pessoalmente contrário à arte toscamente classificada de «pura» ou «formalista»; esta preferência não implica negação de valor estético — às vezes muito grande, e até de certos aspectos de riqueza humana nas obras do segundo tipo.

3.º Penso que:

- a) corroborara a velha conclusão, segundo a qual a arte não depende *directamente* de dada estrutura económica e é indispensável, para a compreender profundamente, atender não só às condições de existência dos vários grupos humanos mas também às ligações intermédias, à inter-acção das ideologias, às reminiscências, às condições prescritas pelo próprio domínio em questão a partir do material intelectual existente, aos fenómenos secundários e terciários, às capacidades individuais de criação;
- b) verificar que o florescimento da arte e o desenvolvimento da sociedade nem sempre caminham a par;
- c) afirmar que a obra de arte é um objecto criado pelo trabalho humano, mas um objecto único, em qualquer caso denso de significação, com características próprias, específicas;
- d) aceitar que «a dificuldade não consiste em compreender que a arte grega e a epopeia estão ligadas a certas formas do desenvolvimento social» mas «em compreender que elas nos proporcionem ainda hoje prazeres estéticos»; que a arte é parte notável do *processus* do enriquecimento humano, mesmo naquelas obras que em parte parecem negá-lo,

em nada contradiz o ser a arte social, nem impede que ela exprima uma ideologia optimista, quando esta existe — ou contribua para formá-la.

4.º Penso que a passagem de uma fase infantil de gesticulação, embora sincera, a uma fase amadurecida de análise interessada, em que a

estética deixa de pertencer o domínio político-sentimental para se tornar no *conhecimento científico da arte* (o que não implica qualquer neutralidade), em nada contribui — bem pelo contrário, para afastar a arte do público ou o artista... «da vida».

- 5.º Continuo, finalmente, a pensar que teoria não é o antónimo de acção, que a hipótese e a crítica informam todo o avanço *real*. Todos os estudos que fiz e farei, todas as hipóteses que tenho formulado e virei a formular têm sido e serão orientados pelo interesse constante de compreender e ajudar a compreender a arte, essa «alegria máxima que o homem a si mesmo se dá», como factor do enriquecimento humano; têm sido e serão orientados pela vontade de contribuir para a solução dos problemas que levanta a necessidade de criação de uma nova arte. Problemas que estão ligados a toda a realidade, inevitavelmente complexos, que não admitem facilidades, e em relação aos quais *por ora* só pode haver uma conclusão definitiva: nunca a ultrapassada atitude político-sentimental, que afirma antes de indagar e relacionar, os solucionará.

Fechado este parêntese que considero necessário, à *margem* da parte exaltada do debate, volta ao seu trabalho e sauda-o cordialmente o

MÁRIO DIONÍSIO

Lisboa, 1 de Outubro de 1954.